

O CASO BERNARDO: REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM DO DESVIO PSICOLÓGICO E PROPOSTAS DE SOLUÇÃO, PELA ÓTICA CRUZADA DO DIREITO E DA ONTOPSICOLOGIA

Rhayssa da Silva Oliveira¹, Annalisa Cangelosi²

Resumo: A formação da nossa personalidade começa na família e na sociedade, moldando quem somos. Desde pequenos, somos influenciados pelas dinâmicas sociais e familiares que nos protegem e ensinam como agir e quais expectativas seguir. Para nos libertarmos desses condicionamentos, é necessário um processo consciente de autoconhecimento e compreensão da autêntica identidade, afastando-nos dos estereótipos impostos para alcançar a nossa autenticidade. Isso fortalece a nossa individualidade e nos capacita a tomar decisões importantes, contribuindo significativamente para a sociedade. A Ontopsicologia valoriza o desenvolvimento autêntico do ser humano, guiando-nos na busca pela realização pessoal e excelência. Ao compreender a nossa essência, somos capazes de viver uma vida plena, em harmonia conosco e com o mundo ao nosso redor. Relacionando isso ao Caso Bernardo, pessoas que desde o seu nascimento não foram educadas para serem autênticas acabam por ter as suas escolhas influenciadas por estereótipos da sociedade. Este trabalho procura apresentar alguns conceitos chave da teoria ontopsicológica da personalidade, em um diálogo com a ciência do Direito, trazendo exemplos práticos derivados do Caso Bernardo Boldrini.

Palavras-chave: Caso Bernardo; família; Ontopsicologia; sociedade.

The Bernardo Case: reflections on the origin of psychological deviation and proposed solutions, from the combined perspective of Law and Ontopsychology

Abstract: The formation of our personality begins in our family and society, shaping who we are. From an early age, we are influenced by social and family dynamics that protect us and teach us how to act and what expectations to follow. To free ourselves from these conditionings, we need to consciously learn about ourselves and understand our authentic identity, moving away from imposed stereotypes to achieve our authenticity. This strengthens our individuality and enables us to make important decisions, contributing significantly to society. Ontopsychology values the authentic development of the human being, guiding us in the search for personal fulfillment and excellence. By understanding our essence, we are able to live a full life, in harmony with ourselves and the world around us. Relating this to the Bernardo Case, people who were not educated to be authentic from birth end up having their choices influenced by society's stereotypes. This paper seeks to present some key concepts of the ontopsychological theory of personality, in dialogue with the science of Law, bringing practical examples derived from the Bernardo Boldrini Case.

Keywords: Bernardo Case; family; Ontopsychology; society.

El Caso Bernardo: reflexiones sobre el origen de la desviación psicológica y propuestas de solución, desde la perspectiva cruzada del Derecho y la Ontopsicología

Resumen: La formación de nuestra personalidad comienza en la familia y la sociedad, moldeando quiénes somos. Desde pequeños estamos influenciados por dinámicas sociales y familiares que nos protegen y nos enseñan cómo actuar y qué expectativas seguir. Para liberarnos de estos condicionamientos es necesario un proceso consciente de autoconocimiento y comprensión de la identidad auténtica, alejándonos de los estereotipos impuestos para alcanzar nuestra autenticidad. Esto fortalece nuestra individualidad y nos capacita para tomar decisiones importantes, contribuyendo significativamente a la sociedad. La Ontopsicología valora el auténtico desarrollo del ser humano, orientándonos en la búsqueda de la realización personal y la excelencia. Al comprender nuestra esencia, somos capaces de vivir una vida plena, en armonía con nosotros mismos y el

¹ Graduanda em Direito pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: rhayssa2000@outlook.com

² Doutora em Pedagogia Experimental pela Università degli Studi di Roma "La Sapienza" (Itália). E-mail: annalisa@faculdadeam.edu.br

mundo que nos rodea. Relacionando esto con el Caso Bernardo, personas que desde su nacimiento no fueron educadas para ser auténticas terminan viendo sus elecciones influenciadas por los estereotipos de la sociedad. Este trabajo busca presentar algunos conceptos claves de la teoría ontopsicológica de la personalidad, en diálogo con la ciencia del Derecho, trayendo ejemplos prácticos derivados del Caso Bernardo Boldrini.

Palabras clave: Caso Bernardo; familia; Ontopsicología; sociedad.

1 Introdução

Quem já parou para pensar como a família e a sociedade influenciam quem somos? Desde cedo, absorvemos tudo ao nosso redor; logo depois nos tornamos adultos autônomos e seguros. E se ficarmos presos às expectativas e padrões dos outros? O caso trágico do menino Bernardo mostra que, sem um ambiente saudável, podemos nos perder em situações disfuncionais. Este artigo nos convida a refletir sobre a importância de nos conhecermos e buscarmos a nossa própria identidade, além das influências externas. A Ontopsicologia, que estuda a mente humana e as suas relações com o ambiente, pode ajudar nessa jornada de autoconhecimento e realização pessoal, nos libertando das amarras do passado e construindo um futuro autêntico.

Para isso, neste trabalho se procura responder o seguinte problema de pesquisa: qual foi a causa primária que levou a madrastra a cometer um crime contra o menino Bernardo Boldrini, à luz da ciência ontopsicológica? Disso, segue o objetivo geral desta pesquisa: entender qual foi a causa primária que levou a madrastra a cometer um crime contra o menino Bernardo Boldrini, à luz da ciência ontopsicológica. Tal objetivo geral foi declinado em três objetivos específicos:

1. Compreender o contexto em que se forma o ser humano para entender os empecilhos que prejudicam a sua realização, com foco na família Boldrini.

2. Delinear a estrutura psicológica do homem, conforme historicamente se apresenta, bem como seria prevista por natureza, trazendo como exemplo a madrastra Gracieli Uglioni;

3. Apresentar como a técnica da Ontopsicologia pode ajudar o sujeito a realizar-se, na hipótese de que Graciele Ugulini tivesse recebido suporte psicoterapêutico ontopsicológico.

Este trabalho se justifica pois mostra como a psique humana funciona caso o ser humano aja de forma conivente consigo mesmo. Nesse caso, terá um resultado satisfatório e gratificante. Caso contrário, empecilhos serão encontrados ao longo do percurso. O indivíduo que não está de acordo com a sua existência acaba em algum momento perdendo a si mesmo e cometendo ações que não são funcionais, devido ao seu desvio do curso natural da vida.

O método dessa pesquisa qualitativa se baseia em um estudo de caso para investigar a influência da matriz familiar e das expectativas sociais na formação da identidade do indivíduo. A coleta de dados foi realizada por meio de palestras com pessoas que participaram do júri do caso Bernardo, como um promotor, o advogado de Leandro Boldrini, a delegada que conduziu as investigações e por fim um juiz que relatou um pouco sobre como funcionam as decisões de julgamento de um magistrado. No próximo tópico, exploraremos como a formação do indivíduo é moldada pelas interações dentro da

família e pelas influências da sociedade, examinando como esses fatores influenciam o desenvolvimento pessoal.

2 Formação do Eu pela matriz familiar/sociedade

O ser humano nasce inserido em um contexto ambíguo de relações adultas, seja no seio de uma família ou em um orfanato.

No seu aspecto mais positivo, quando o indivíduo amadurece na relação diádica com o adulto-mãe³, ele começa a passar por um processo de evolução em que começa a agir de acordo com o que ele deve ser enquanto ser humano e não de acordo com o que a sociedade e a família impõem a ele, e consequentemente contribui com a sociedade. Em relação ao Caso Bernardo, se a madrasta tivesse evoluído esse elo com o seu próprio adulto-mãe, ela poderia ser uma pessoa realizada e por consequência ajudaria Bernardo a se desenvolver como indivíduo autônomo.

Entretanto, quando o indivíduo em nenhum momento da sua vida evolui a relação (díade)⁴, ele viverá sempre condicionado ao seu adulto-mãe e a tendência é repetir o estereótipo do seu adulto de referência, vivendo assim uma vida que não é sua e fazendo escolhas de acordo com aquela relação que ele acredita ser a mais benéfica, mas que de fato não é funcional para ele. Como no caso da madrasta e do menino Bernardo, a relação dela com o seu adulto de referência fez com que ela não se realizasse; como consequência, a tendência é ela repetir os mesmos hábitos e

comportamentos de seu adulto-mãe, como é provável que ela tenha feito com Bernardo.

No livro *Relação entre pais e filhos* (Vidor, 2014), é ensinado que “os pais modelam os filhos mais pelo modo como vivem, agem e reagem do que pelos conselhos que dirigem” (p. 9). Considera-se que, quando o seu adulto de referência tem carreira satisfatória, os filhos tendem a incorporar essa experiência positiva em suas vidas adultas.

A mãe feliz influirá em seus filhos de um certo modo e dará uma orientação diferente da mãe triste e deprimida. O modelo do comportamento externo do adulto é investido na capacidade dinâmica da criança e, por isso, anula a identidade da última. Desta maneira, o adulto (pai ou mãe) se reabilita em prejuízo do pequeno, conseguindo satisfazer necessidades infantis que foram frustradas. [...] A alta sensibilidade infantil, enquanto se encontra desprovido de uso da inteligência, torna a criança mais filha da realidade ambiental onde vive, do que de sua força natural (Vidor, 2014, p. 9).

O ser humano é formado em parte pelo seu ambiente familiar e em parte pela sociedade. Essa construção lógica e volicional é chamada de Eu lógico-histórico. O sujeito é criado de acordo com regras e comportamento externos. O indivíduo acaba absorvendo informações do externo, quando deveria conhecer-se por dentro, a sua identidade, quem realmente é. Portanto, o indivíduo acaba se apropriando de uma personalidade que não é sua de fato e sim do ambiente em que está inserido, que introduz sobre ele uma dinâmica que o deixa dividido psiquicamente.

O papel que a sociedade impõe ao indivíduo é o de se comportar como um “peão” do sistema e consequentemente se moldar à forma aparentemente mais benéfica, enquanto o sujeito fica condicionado em um universo em que ele se adapta aos moldes da sociedade. Na verdade o indivíduo só é

³ Segundo a Ontopsicologia, o adulto-mãe de uma criança não precisa ser necessariamente a mãe biológica, mas alguém que está ligada diretamente ao indivíduo.

⁴ Significa movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente.

protagonista da sua própria existência quando compreende e realiza com exatidão a sua própria existência no mundo atual. Logo mais, veremos que, ao longo de seu percurso, o sujeito enfrenta problemas que prejudicam a sua realização como ser humano.

3 Empecilhos que prejudicam a realização do sujeito

Quando o sujeito desde o seu nascimento já é influenciado pelo próprio ambiente onde vive, ou seja, pelas pessoas que o rodeiam, a tendência é que se torne um indivíduo medíocre, que vive sempre necessitando de alguém quando na verdade pode construir sozinho a sua própria existência; depende unicamente do indivíduo conscientizar e desfazer essa relação impositiva que é colocada sobre ele.

O ambiente familiar age sobre o indivíduo não de forma a querer prejudicá-lo, mas acaba o fazendo mesmo quando quer ajudar; por exemplo: quando uma criança na idade de dois anos cai no chão, o adulto sempre está por perto para “ajudar”; o certo a se fazer é deixar que se levante sozinha, pois desse ponto a criança começa a ter a própria autonomia sem precisar de alguém que a ajude o tempo todo.

Ao chegar-se à idade adulta o sujeito dos dias de hoje está tão condicionado por estereótipos que geralmente quando lhe é apresentado o que o mundo tem a oferecer, se algo não saiu como esperava, ou não consegue o que quer de imediato, a tendência é dele voltar para o adulto-mãe, como um refúgio e com a falsa ilusão de que os seus problemas estão resolvidos. Nesse caso o indivíduo entra em regressão.

No livro de Schuch (2013), *Mulher aonde vais? Convém?*, a autora afirma que:

Usar a desculpa de precisar cuidar dos filhos pode parecer eficiente por certo período, porém não é um bom investimento para a mulher, não lhe convém. Com o uso desta estratégia, perdemos tempo e, depois, quando os filhos crescem e não podem mais ser usados, estamos atrasadas no nosso projeto, encontramos-nos fora do jogo. A mãe de boa-fé, muitas vezes, por causa da própria infantilidade, continua a agir de modo a fazer com que os filhos se tornem eternos, parceiros dependentes, prende-os a si, protegendo-os não permitindo seu desenvolvimento (p. 59).

Se em nenhum momento da sua existência o indivíduo se encontra enquanto ser humano conforme a natureza o previu, ele acaba não entendendo e não se realizando conforme a sua identidade. Como consequência, doenças, problemas econômicos, depressão etc. se manifestam e o indivíduo entra em regressão. A Ontopsicologia é justamente um método científico que auxilia o indivíduo a entender qual é o seu projeto de natureza.

Em análise ao caso Bernardo, mais do ponto de vista da madrasta, é importante considerar o papel da mulher em si e a hipótese de visão do que poderia ter levado ela a cometer o assassinato do menino. A mulher do mundo convencional encontra-se dividida em dois extremos: um lado da sua vivência é dotado de estereótipos impostos pela família e consequentemente pela sociedade e o outro é representado por quem de fato ela nasceu para ser, uma mulher dotada de tantas peculiaridades pela natureza. No entanto, a mulher, em vez de utilizar todos esses atributos que lhe foram dados para o seu próprio egoísmo de crescimento, acaba por aplicá-los de forma disfuncional para si mesma e à família e com quem a rodeia. No caso em questão, se Gracieli tivesse utilizado toda a sua

inteligência de modo vital, provavelmente não teria se desviado do seu verdadeiro Eu (quem realmente é por natureza) e teria contribuído de modo progressivo a si mesma e à família.

A mulher possui um lado seu que remete totalmente à sua infância, modos de comer, de se vestir, de falar etc. e acaba sendo influenciada a se comportar de uma forma que não é correspondente ao seu verdadeiro Eu. Essa influência se dá através do campo semântico do seu adulto-mãe: é transferida uma espécie de mensagem para a filha que acaba recebendo, encorpando e executando um modelo de viver-se a vida do seu adulto de referência e cresce com isso enraizado no seu interior. Logo mais à frente, quando se deparar com o mundo social, serão acrescentados outros estereótipos que influenciarão o seu modo de se comportar. Todo esse processo acontece de maneira inconsciente por parte de todos os sujeitos envolvidos, e passa de geração a geração. Gracieli teve a sua personalidade transformada em algo que não era ela de fato; pode-se fazer algumas perguntas a respeito disso: como ela viveu a sua infância? Por que ela escolheu ser enfermeira? Por que ela se relacionou com o Leandro? Pois é com base na sua personalidade que o sujeito faz as suas escolhas: se ele vive de maneira convencional, como grande parte da população, ele vai escolher de acordo com necessidades e desejos padrões da massa; quando ele se conhecer pelo critério de natureza, identificado pelo método ontopsicológico, pode escolher conforme o que lhe faz mais como ser humano.

A mulher, por aspectos transmitidos ao longo da sua infância e adolescência acaba sendo refém da sua própria psique interna. Para ser verdadeiramente livre de todos os

estereótipos ela precisa se libertar dessa “prisão” colocada sobre ela. No entanto, a tendência a continuar agindo do modo como foi “construída” na infância é algo que ela não consegue facilmente controlar. Quando a mulher não sai dessa “prisão”, ela acaba por reduzir a si mesma enquanto ser humano e escolhendo agir assim acaba também por fazer um jogo no meio social, em que as regras são claras: ela sempre sai ganhando, aparentemente, enquanto o outro indivíduo, a real “vítima” da mulher, está destinado a perder.

Durante a nossa vida pensamos ser de certo modo, o que na verdade é um equívoco, pois se pararmos para nos autoanalisar e nos autoquestionarmos: por que gostamos de uma determinada coisa? Por que agimos de uma forma e não de outra? Tudo o que o sujeito é, é moldado por um estereótipo dominante que vem desde a infância e se desenvolve cada vez mais quando o indivíduo é jogado na sociedade. No caso da mulher, que em muitos casos passa por uma frustração social, isso nada mais é do que o resultado de anos em que viveu condicionada sem poder ser o que realmente nasceu para ser e, no fim, como forma de “vingança” inconsciente sempre tenta derrubar o sujeito mais cedo ou mais tarde, para o seu próprio gozo existencial. Esse jogo que a mulher faz com a sociedade não é funcional para os outros e muito menos para si, pois quem perde mais com isso é ela mesma. A seguir, vamos observar como ocorre o nascimento do sujeito a partir do seu Eu biológico, analisando as etapas e os mecanismos que envolvem esse desenvolvimento.

4 Nascimento do Eu biológico

A vida do ponto de vista da natureza é bela, o ser humano não nasceu para sofrer em nenhum aspecto, mas sim somente para ser feliz e realizado; se não agimos conforme a natureza nos estrutura, se nos desviamos de quem somos, a consequência é a regressão do indivíduo causando até a sua própria morte. A natureza só evolui para cada indivíduo se ele é sadio (se conhece a si mesmo, a sua própria identidade) e não desvia a sua exatidão para o social.

A família, enquanto primeiro ambiente de desenvolvimento da criança, influencia na perda de identidade do indivíduo, influenciando-o por estereótipos e por campo semântico. O indivíduo, não tendo consciência exata para identificar o que está acontecendo, acaba sendo semantizado e agindo conforme o que lhe foi imposto; o que pode levar a pessoa a desenvolver também doenças biológicas ao longo da sua vida.

O sujeito, quando ainda é pequeno, se liga intensamente ao adulto-mãe (tio, tia, irmã etc.), e acaba se comportando da mesma forma que a pessoa na qual ele vê segurança e a partir disso cria a sua “identidade”.

O ser humano está em constante relação com tudo ao seu redor, está “imerso” em trocas de informação (campo semântico) o tempo todo. No momento em que observamos a relação de um adulto-mãe com o seu filho podemos perceber que eles são inseparáveis se a relação diádica não for evoluída; é como se cada um tivesse a extrema necessidade de viver junto ao outro, o que acaba adoecendo o sujeito mais frágil e influenciável que é a criança. O indivíduo aprende a viver de acordo com a sua primeira relação diádica, porém essa

ligação entre ambos com o tempo precisa ser evoluída, para que o indivíduo possa crescer de forma autônoma e não regredir.

Se o sujeito não se liberta dessa díade inicial, não consegue se encontrar enquanto ser humano autêntico e autorrealizável.

Quando falamos do nascimento do Eu biológico, logo nos remetemos à ligação adulto-mãe e filho (díade), um vínculo que, enquanto se é pequeno, é necessário, pelo simples fato do indivíduo não ter a capacidade de sobreviver sozinho, precisando assim do auxílio do adulto-mãe. Fazendo uma ligação ao caso do menino Bernardo em que o adulto-mãe primário poderia ser a mãe biológica dele, após a morte dela ele tentou estabelecer uma nova ligação com um “substituto materno”. Isso não significa que esse substituto seja necessariamente o pai biológico, mas sim um adulto que tenha a mesma tipologia psicológica da falecida mãe.

O auxílio do adulto-mãe de que a criança precisa irá até um certo ponto da vida: ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento inicial da criança, o que se torna necessário para saber se posicionar em situações do cotidiano. Quando a criança começa o seu estágio de crescimento e vai se tornando cada vez mais independente, esse laço precisa ser gradualmente desfeito: é como se fosse cortar o cordão umbilical pela segunda vez, para que o sujeito possa se desenvolver enquanto pessoa e consequentemente servir de ajuda para a sociedade.

No livro *O homem à procura de si mesmo*, May (1988) afirma que:

O bebê torna-se fisicamente indivíduo quando o cordão umbilical é cortado ao nascer. A menos, porém, que o cordão seja rompido ao seu devido tempo, ele permanecerá uma criança insegura atada ao ambiente materno. Não irá mais longe que a

corda que o prende. Seu desenvolvimento é bloqueado e a liberdade para evoluir volta-se para o interior, embebida de ira e ressentimento. Estas são as pessoas que, embora se sintam bem na extremidade da corda, ficam profundamente perturbadas diante do casamento ou do primeiro emprego. Diante de cada crise, tendem, figurada ou literalmente, a voltar para a mamãe (p. 99-100).

Dessa forma, o sujeito começa com a sua independência tanto física quanto emocional: o laço emocional normalmente é o mais difícil de ser desfeito por ambos, mas quando atuado permite que o indivíduo dê o próximo passo para o seu desenvolvimento, é um processo natural e necessário que beneficia ambos. Quando desfeito o vínculo emocional, o sujeito torna-se progressivamente mais capaz de desenvolver-se enquanto indivíduo único e ir em busca dos seus próprios objetivos sem depender de ninguém. Toda essa independência faz do indivíduo um ser humano capacitado para contribuir socialmente. No ponto seguinte, exploraremos em detalhes o processo pelo qual o Eu autêntico se manifesta, analisando os fatores e as condições que contribuem para o seu desenvolvimento.

5 Nascimento do Eu autêntico

No seu sentido mais positivo, quando ocorre a quebra da díade, acontece o nascimento do próprio Eu. A criança passa por uma transição de dependência para uma independência, na qual ela, enquanto indivíduo em evolução, começa a agir de acordo com quem realmente nasceu para ser. Ou seja, se Bernardo tivesse tido uma relação com o seu adulto-mãe em que aos poucos fosse sendo cortada essa ligação para que ele fosse se tornando autônomo, o desenrolar do

planejamento de sua morte provavelmente não teria ocorrido.

Entretanto, quando se fala de uma díade que não teve o seu ciclo adulto-mãe e filho amadurecido, o que ocorre é o contrário: o indivíduo fica condicionado à mãe sem adquirir ao longo do tempo a sua independência para que possa ser de fato quem ele realmente é, ou seja, ocorre uma dependência afetiva em ambos e, em um determinado momento, a mãe já não é mais suficiente para atender as expectativas do filho. Nesse caso ele vai à procura inconscientemente de outro indivíduo que reproduza essa mesma dinâmica que ele tinha com a mãe, mas de formas diferentes a suprir as suas necessidades (substituto materno).

É como se estivesse impossibilitado de evoluir, é um fator condicionante que faz o sujeito regredir e tende a repetir esse ciclo sem fim. Para que o indivíduo não permaneça estagnado nesse universo convencional é necessário que utilize o adulto-mãe em parte da sua vida como um mediador que logo depois fará a sua passagem para a vida. Um exemplo disso está no reino animal: quando o filhote atinge um certo tempo de vida, a leoa o manda embora, pois não reconhece mais o cheiro do próprio filhote. Coligando com o caso, o substituto materno de Bernardo não parece ter sido funcional para ele, e isso causou uma frustração para ambos. No próximo tópico, veremos o percurso pelo qual o indivíduo desenvolve a sua autonomia, destacando as condições e as etapas essenciais para esse desenvolvimento.

6 Autonomia do Eu

Na sua forma mais positiva, quando se é

autônomo o indivíduo procura evoluir a si mesmo independente da matriz familiar da qual ele foi criado: o mais importante para esse indivíduo é buscar a própria realização, conhecer-se enquanto pessoa e estar ciente de que ele precisa ser autônomo. Contudo, ele precisa também entender que na realidade a autonomia por si só não existe, pois precisamos viver em sociedade e nos relacionarmos com os outros.

A verdadeira autonomia é estar em constante movimento, procurar sempre um ponto de partida e jamais permitir a si mesmo ficar condicionado. Sempre se deve buscar mais do que já se possui. O critério base a ser utilizado é: em que lugar o sujeito pode ganhar mais para si mesmo com o intuito de evoluir? Dessa forma, o indivíduo aumenta o seu valor, a sua competência e se faz a escolha com sabedoria: ganha mais para si enquanto ser humano.

Para que o sujeito se aproprie de uma autonomia concreta e de valor, deve-se primeiro conhecer a si mesmo enquanto ser humano. A família do indivíduo tem um papel no desenvolvimento da sua autonomia: deve desde cedo instigar a criança a desenvolver a sua própria independência, consequentemente, quando adulto o sujeito não sofrerá o jogo social, do qual será refém se não for libertado para desenvolver a sua própria autonomia. No meio social se tem convicções das quais o sujeito deve ficar isento, pois quando se atém a uma única ideologia ele deixa de ser um sujeito independente e passa a ser só mais uma peça daquele complexo.

Quando um indivíduo não é autônomo, ele é coagido a repetir os mesmos comportamentos da sua matriz familiar, é uma forma de obsessão por algo que deixa ele

aparentemente confortável. Entretanto, é uma obsessão não favorável ao indivíduo, pois quanto mais quer ser daquela forma menos evolui: o jogo da vida é lógico, você vive de acordo com esse ou sempre perderá enquanto ser humano. Em seguida, analisaremos detalhadamente como se forma a estrutura psicológica do indivíduo, explorando os elementos e influências que moldam a sua personalidade.

7 A formação psicológica do ser humano

Segundo a ciência ontopsicológica pelo que observamos no dia a dia o ser humano mostra ter uma mente cindida. O Em Si, que é a energia que mantém o sujeito, é uma potência que faz com que o indivíduo siga o curso natural de sua existência: o indivíduo vive uma realidade própria, única e pessoal, uma experiência de vida que é só sua, é a sua essência, o que o torna único. O Em Si está ligado ao universo que nos rodeia, somos de certa forma influenciados e influenciados no ambiente em que vivemos. O Em Si é a nossa realidade em relação com o universo, buscando sempre a evolução, a beleza e a perfeição em suas ações. Tem uma vontade determinante de se tornar o que de fato é. Todos compartilham a essência de serem seres humanos, mas cada um possui uma estrutura única de ser.

É a identidade específica de cada ser humano, cada um deveria se desenvolver de acordo com o que de fato é por natureza. O Eu lógico-histórico é uma estrutura que complementa o Em Si do sujeito auxiliando-o na sua realização histórica da sua virtualidade.

No caso do monitor de deflexão, que é uma realidade que interfere em todos os

indivíduos, é um elemento adicionado à racionalidade da mente humana; ele altera a forma como deveríamos perceber o mundo e faz com que nós realizamos escolhas de forma inconsciente.

Com isso, a nossa mente opera de forma consciente e inconsciente. No inconsciente ficam todas as informações ocultas do indivíduo às quais não se tem acesso, ele está abaixo do consciente. Não temos ciência que esses conteúdos estão ali, mas eles influenciam os nossos comportamentos de forma indireta. O inconsciente opera de forma complexa, o que pode acabar mudando a nossa forma de agir e perceber o universo à nossa volta. Na esfera consciente, está tudo o que achamos que sabemos como o processamento de informações de maneira racional.

Ainda temos os complexos do ser humano que são parte da personalidade de cada indivíduo, os quais de certa forma se desenvolveram em algum momento na nossa infância em que passamos por dificuldades, mas que depois permanecem ativos com nossa desvantagem. Esses complexos não podem, simplesmente, serem extintos pelo sujeito, mas eles poderão ser revertidos em vantagem do próprio indivíduo. Diferentemente dos complexos, o Superego do ser humano está mais relacionado a uma questão social que vai nos dizer o que é certo e o que é errado, dentro desse meio, o que por sua vez acaba também sendo um fator que influencia o homem a agir de determinada forma.

Por fim, fazem parte da estrutura psicológica do indivíduo os mecanismos de defesa que, por natureza, serviriam para ajudar o sujeito a lidar com ameaças que surgem no dia a dia. É como se eles fossem uma estratégia que vai preservar o ser humano

psicologicamente diante de situações do cotidiano. O problema acontece quando o homem continua acionando esses mecanismos de forma inconsciente e em qualquer situação.

Esse processo é o que ocorre historicamente na maioria dos indivíduos e isso explica por que um sujeito chega a eliminar um outro ser humano. De fato, existe algum fator que ocorreu na infância dele e que não foi tratado no momento; consequentemente, quando adulto, pode haver um gatilho que destrava esse ponto do inconsciente e se torna no sujeito uma causa desencadeante para que efetue tal ação. Por natureza não seríamos assim, não é normal que uma mãe mate um filho: existem fatores internos que vêm desde a infância e que não foram resolvidos naquele momento.

No caso em questão, a madrasta pode em algum momento ter projetado algo ou alguém em Bernardo que remetia ao seu passado, que nela desencadeava uma angústia e uma frustração, com a qual ela não soube lidar. Bernardo era de certa forma uma criança agressiva, por conta do ambiente em que vivia, o que acabava despertando na madrasta uma fúria incontável de resolver a qualquer custo a situação, para que o problema fosse resolvido aos olhos dela, o que na realidade era só uma forma fictícia de ver a realidade.

8 Síntese sobre a visão ontopsicológica acerca da estrutura e dinâmica do homem

A Ontopsicologia analisa o ser humano baseado na evidência do critério de natureza, o Em Si ôntico. Ela observa o sujeito e como reage dentro do ambiente onde está inserido. Esse é o único critério válido para a Ontopsicologia, ao contrário dos critérios

convencionais, que são somente baseados em opiniões a respeito de algo: se esse algo não é conforme, não é considerado válido no critério convencional.

Baseando-se no ponto de vista ontopsicológico, o ser humano possui algo que está intimamente conectado à sua existência: o seu Em Si ôntico, que constitui quem o ser humano é conforme à natureza, é a própria identidade do indivíduo; algo que o torna único e está sempre em busca da sua autorrealização. Antes mesmo de entendermos o universo que nos rodeia, precisamos analisar a nós mesmos, quem somos, por que estamos aqui, para onde vamos, para depois podermos compreender a totalidade à nossa volta.

O Em Si ôntico (ESO) vai estruturar a nossa existência ao longo do tempo, buscando incansavelmente a perfeição em nossas ações; procura ser mais do que já somos; molda quem somos e como agimos. Ele define a nossa identidade e influencia as nossas interações com o mundo: é como se fosse um conjunto de características que nos guiam para sermos quem de fato nascemos para ser. Ele age no indivíduo de forma integrada e determina no sujeito um desejo intrínseco de crescer e se tornar melhor do que já é. Ele escolhe o melhor caminho para atender às necessidades da pessoa conforme o que é mais importante para o indivíduo naquele momento como se fosse um guia; influencia e impulsiona o sujeito a buscar constantemente formas de evoluir, sempre fazendo tudo com excelência e ambicionando ser mais do que é.

Na Ontopsicologia encontra-se esse princípio (ESO) que vai definir como as pessoas funcionam. Se um sujeito busca seguir ele em todos os aspectos de sua vida, de fato será um ser humano evoluído e realizado. A

ciência ontopsicológica procura ajudar o indivíduo a se conhecer, saber quem realmente ele é. O ESO é uma parte importante de quem somos, pois ali está a base de tudo: segui-lo é agir de acordo com a própria identidade, saber quem você realmente é nesse universo.

Junto ao nosso organismo tem-se o monitor de deflexão, que distorce a forma como vemos a realidade externa e também interna. Por exemplo, olhando para a natureza, ela é linda; agora, se olharmos através de uma janela embaçada, ela será vista de outra forma: assim funciona o monitor de deflexão. Observamos o mundo como ele de fato é, mas quando na nossa mente é ativado o monitor de deflexão passamos a vê-lo de forma não exata. A ativação do monitor faz com que nós agimos contra nós mesmos: ele pode ser ativado de várias formas, por exemplo, nos nossos sonhos e pelo ambiente externo, que acaba nos influenciando, o que nos faz sentir medo e agir conforme a sociedade nos direciona.

O ser humano tem a capacidade de transmitir informações que causam impacto no receptor através do campo semântico. Essa é uma forma de comunicação invisível que afeta as nossas emoções e as nossas ações; é uma troca de informação que varia a energia, podendo ser positiva ou negativa, dependendo dos efeitos que produz no receptor. Um campo semântico positivo estimula o indivíduo a crescer e evoluir, já o campo semântico negativo reforça aspectos rígidos do receptor. Quem é semantizado sofre uma alteração das suas ações e emoções, o que o leva a agir de certas maneiras sem que possa perceber. Enquanto seres humanos, estamos sempre transmitindo e recebendo informações uns para os outros.

O campo semântico possui algumas fases

para se realizar:

1º o sujeito não percebe o que está acontecendo;

2º um indivíduo que conhece a si mesmo e possui o controle total do seu campo semântico consegue identificá-lo;

3º o sujeito começa a sentir as variações emocionais;

4º o indivíduo tem as suas emoções alteradas e pode vir a agir conforme elas. Nessa fase, um sujeito consciente pode escolher se aceita ou não a informação. Se o sujeito é inconsciente, ou seja, não conhece a si mesmo, é influenciado e acaba não podendo decidir aceitar ou repelir, sem certeza do que está fazendo, e acaba agindo de forma inexata;

5º o sujeito poderá vir a executar a informação transmitida.

O ESO, o Eu lógico-histórico e o Eu a priori são fundamentais para a existência de cada indivíduo; agindo juntos, eles levam o sujeito à sua realização e ao ápice da própria existência. Na ordem de natureza, o sujeito deveria agir conforme o Em Si ôntico o direciona. Atualmente, observamos que na maioria dos casos, os indivíduos não se conhecem, portanto, apresentam uma estrutura lógica e decisional não correspondente à sua identidade (Eu fictício). Se o indivíduo coloca em harmonia os três elementos (Em Si ôntico, Eu a priori e o Eu lógico-histórico), tem-se o controle de si mesmo e consequentemente não será um Eu fictício e sim um ser humano com consciência ôntica.

O indivíduo, quando conhece o seu verdadeiro propósito enquanto ser humano, tem em seu interior uma energia vital que reflete exatamente a realidade, interna e externa, fazendo com que seja um sujeito com um vasto conhecimento de si mesmo. A

Ontopsicologia ajuda a pessoa a se encontrar como ser humano e se conhecer até atingir o primado de si mesmo e coincidir com o que se é por natureza. Essa é uma ciência que ajuda o ser humano a descobrir-se de modo exato.

O sujeito deve, em primeiro lugar, se desenvolver e se estabelecer com segurança no seu ambiente profissional, ser uma pessoa competente e capaz, sem distorções. Segundo, deve cultivar relações como amigos, colaboradores, sócios etc., que sejam funcionais para o seu desenvolvimento contínuo. Em terceiro lugar, poderá relacionar-se de forma amorosa. Se o sujeito não se estrutura conforme essa diretriz, poderá estar fadado à ruína de si mesmo.

O indivíduo precisa despir-se de tudo o que acha que conhece, de todos os estereótipos e a partir desse momento consegue conhecer a si mesmo, enquanto sujeito realizado e contribuir de modo positivo para si e para a sociedade. Cada indivíduo possui o seu espaço, a sua própria solitude; no entanto, precisa também estabelecer relações sociais porque tem essa necessidade de interagir com os outros.

9 Considerações Finais

A formação do Eu é um processo complexo que é influenciado pela matriz familiar e pela sociedade. Quando um indivíduo se desenvolve de forma saudável na sua relação inicial com o adulto-mãe, ele poderá evoluir para agir conforme a sua verdadeira natureza, ao invés de apenas atender às expectativas dos seus familiares e da sociedade. Se essa relação não é bem desenvolvida, o indivíduo pode ficar preso a estereótipos e padrões adquiridos da sua

família, prejudicando a sua própria autonomia e crescimento pessoal. Isso é muito evidente no Caso Bernardo, em que a falta de um vínculo saudável com um substituto materno funcional levou a uma destruição familiar.

No contexto convencional, a família e a sociedade moldam o sujeito e limitam o seu desenvolvimento autêntico: a verdadeira autonomia e realização pessoal só são alcançadas quando o indivíduo conhece e segue a sua verdadeira identidade e quando supera tais padrões impostos, buscando um crescimento contínuo e consciente.

As considerações destacam a relevância do estudo sobre a influência da matriz familiar e das expectativas da sociedade na formação do indivíduo. O interesse pelo tema surgiu a partir das observações pessoais sobre como o sujeito é influenciado inconscientemente pela família e pela sociedade e, com base nessas influências, adapta o seu próprio caráter, a sua forma de agir e de ser enquanto pessoa. Vive de forma desigual consigo mesmo e, a partir disso, não se torna um ser humano realizado em todos os aspectos da sua vida, porque a estrutura familiar e as pressões sociais afetam a sua identidade individual.

A pesquisa foi conduzida por meio de palestras e estudos individuais junto ao Laboratório “Diálogo sobre Hard Cases: o encontro entre Direito e Ontopsicologia” da Faculdade Antonio Meneghetti, o que permitiu uma compreensão do que realmente acontece em casos como este. Os resultados revelaram que a matriz familiar exerce uma influência significativa sobre o indivíduo que, por sua vez, conhece a si mesmo conforme foi moldado pela família no ambiente em que se desenvolveu enquanto sujeito. Na verdade, essa é apenas uma falsa percepção de si

mesmo como ser humano. A sociedade atua sobre o sujeito de forma a moldá-lo conforme os seus próprios interesses e satisfação, o que dificulta a evolução do ser humano no seu aspecto individual.

Obviamente, este trabalho não tem a pretensão de exaurir o estudo sobre esta vasta temática. De todo modo, é já um primeiro passo que, em seguida, poderá ser amplificado. Por exemplo, pensando em perspectivas futuras de ampliação do trabalho, poder-se-ia desenvolver com mais profundidade alguns dos aspectos citados. Em especial, investigar acerca da passagem entre a estrutura e dinâmica do homem, conforme se evidencia historicamente falando, e como a natureza prevê.

Referências

MAY, Rollo. **O Homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MENEGHETTI, Antonio. **A feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: introdução à ontopsicologia para jovens**. v. 1. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2006.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

SCHUCH, Maria Alice. **Mulher Aonde vais? Convém?** Porto Alegre: Editora da Autora, 2013.

VIDOR, Alécio. **Relação entre pais e filhos: a origem dos problemas.** Recanto Maestro, São João Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.